

UM PRECURSOR DO COMÉRCIO FRANCÊS NO BRASIL (II)

(Continuação)

Da carta partida (36). Ao entrar na primeira parte de seu livro, pois as considerações que até agora apresentamos acham-se subordinadas à "Introdução", recomendava Gallès, sob o título "De la Charte-Partie", que se tivesse todo o cuidado, nos contratos de fretamento para viagens aos portos do Brasil, em não assumir compromissos para o regresso à Europa, dada a dificuldade que havia, não raro, em obter-se frete para qualquer país.

Mas, se por interesse recíproco, o afretador e o armador fôsem tentados a ajustar viagem de ida e volta, era importante não determinar o pôrtó exato a que deveria retornar a embarcação. Bordeaux e Nantes, advertia Gallès, eram cidades praticamente condenadas, pois para elas jamais seria encontrado carregamento. E para o próprio Havre, o pôrtó mais comumente usado, havia amiúde falta de frete.

No caso, porém, em que a carta partida facultasse optar por três ou quatro portos, deveriam ser escolhidos, sem hesitação, os de Marselha, Antuérpia e Hamburgo. Mas se a escolha se restringisse apenas a dois, então seria aconselhável decidir pelos do Havre e Antuérpia.

Medida de prudência era, também, dadas as oscilações cambiais, determinar no conhecimento o modo de pagamento do frete,

(36). — Carta partida era o contrato firmado entre o comerciante e o mestre ou o proprietário do navio, para o transporte das mercadorias. Ferreira Borges, em seu "Diccionario Juridico-Commercial", esclarece que a denominação *carta partida* provem de que outrora se partia a carta de fretamento, ficando metade em poder do fretador e a outra metade em poder do afretador, juntando-se as duas, quando havia necessidade de dirimir dúvidas (Achiles Bevilacqua, "Código Commercial Brasileiro", 3.^a ed., Rio de Janeiro, 1935, pág. 199).

O "Diccionario Maritimo Brasileiro organizado por uma comissão nomeada pelo Governo Imperial", sob a direção do Barão de Angra e publicado no Rio de Janeiro em 1877, definia a carta partida como "carta de fretamento de que se fazem dois contextos semelhantes na mesma folha, que se corta pelo meio, dando uma ao fretador do navio e ficando outra em poder do dono ou seu consignatario". Entretanto, nessa altura, já o Código Commercial Brasileiro, que é de 1850, estabelecia, em seu artigo 568, que "o instrumento, que se chama carta partida ou carta de fretamento, deve ser assinado pelo fretador e afretador, e por quaisquer outras pessoas que intervenham no contrato, do qual se dará a cada uma das partes um exemplar".

o qual, para evitar-se surpresas desagradáveis a qualquer das partes contratantes, deveria ser estipulado, com toda a precisão, "à taxa do câmbio do dia da chegada do navio ao Brasil". E o nosso viajante acrescentava: "Par cette précaution, qu'indique l'expérience, les intérêts des deux parties sont à couvert; en agissant ainsi, l'affrèteur paiera dans le pays ce qu'il a eu réellement l'intention de payer. Opérer différemment c'est s'exposer à des pertes effrayantes; c'est traiter en aveugle sur les nuances les plus délicates".

Daí Gallès condenar veementemente o sistema às vêzes adotado, que consistia em estabelecer, por exemplo, um câmbio médio para o pagamento do frete, baseado na cotação do franco em relação ao mil réis, na data do contrato. Tratava-se, a seu ver, de jôgo imprudente e arriscado para ambas as partes interessadas, pois, de acôrdo com a maré dos acontecimentos políticos, o franco tanto podia descer a 180, como subir a 360 réis.

E, mais uma vez, prevenia seus compatriotas contra os perigos de uma cláusula contratual menos segura sôbre o pagamento do frete, ou de uma designação descuidada para o retorno do navio: "Conheci uma casa", diz êle, "que prêsa à sua carta partida, foi forçada; por falta de frete para os portos nela indicados e por causa de um câmbio que não houvera sido previsto, a pagar não apenas o frete quase em dôbro para a viagem de ida, mas também o frete de volta, sem ter uma só tonelada de mercadoria a bordo".

A época do ano que Gallès recomendava para as viagens da França ao Brasil, tendo em vista as condições atmosféricas, compreendia os meses de setembro a março, sendo que o mais favorável era o de dezembro. Não deveria, porém, o armador empreender a expedição, sem estar ciente do número de navios saídos ou a sair de todos os portos da França, com destino a estas paragens.

*
* * *

Pernambuco. "Ville de Fernambouc, ou Pernambuco", é como Gallès denomina o Recife, ao iniciar suas observações sôbre esta capital, que êle identifica sempre com o nome da província, o que, aliás, não é raro em livros de outros viajantes.

Após indicar a posição geográfica da cidade, advertia os navegantes dos perigos que o pôrto oferecia às embarcações de grande calado, sobretudo nas ocasiões de mau tempo. "Il faut attendre le pilote", recomendava êle, "qui, pour les faire entrer, va chercher les navires à une lieue environ du récif". E continuava, numa boa amostra de seu poder descritivo: "Le premier objet qui frappe l'oeil du voyageur, à Fernambouc, c'est le rocher qui en borde la rade; il a quarante lieues environ de longueur, et il semblerait que la nature le posa là tout exprès pour défendre la ville qui devait se bâtir un jour vis-à-vis de lui, et la protéger contre les fureurs

des hommes et des élémens... Cette roche forme une ligne absolument droite; on dirait une muraille élevée par les habitans du pays, dans le même but que les Chinois construisirent jadis la leur, avec cette différence, toutefois, qu'elle n'a que la hauteur nécessaire pour garantir le port contre les débordemens: à la mer basse, elle ressort de quatre à cinq pieds sur mer, et quoiqu'elle semble coupée à de certaines distances, il faut se garder de commettre la moindre imprudence entre les espaces, car, malgré qu'ils paraissent présenter un passage libre, ils n'en sont toujours pas moins la continuation du récif, seulement la superficie en diffère".

E Gallès não esconde, também, sua admiração pelos jangadeiros que, em suas toscas e estranhas embarcações, que êle tenta descrever (37), se aventuravam mar a dentro, enfrentando os maiores perigos, "com uma calma e um sangue frio que escapam à imaginação do europeu".

*
* * *

O comércio no Recife, segundo o autor de "Du Brésil", era bastante intenso em relação à população, embora os artigos de luxo, quer em matéria de vestuário, quer de comestíveis, não pudessem deixar de ter um consumo restrito, pois para cada homem branco contavam-se cêrca de dezesseis de côr (38).

Quanto aos artigos franceses, ainda não estavam ali muito difundidos, o que, em sua opinião, deveria atribuir-se, principalmente, à ausência acentuada de nobres e funcionários naquela provincia, bem como à falta de arte e elegância com que a mercadoria era exposta nos puyos magazines existentes.

As sêdas de Lyon que, há dois anos, vinham tendo no Recife aceitação digna de registro, poderiam tornar-se artigo de grande saída, quando naquela cidade fôssem montados estabelecimentos como os do Rio de Janeiro (39). Nesta capital, esclarecia Gallès,

(37). — Maria Graham, quando de sua passagem por Pernambuco, anotou em seu diário: "The jangada resembles nothing I have ever seen before" (op. cit., pág. 29).

(38). — Não é demais repetir quanto são imprecisos e contraditórios os dados estatísticos conhecidos sobre a população do Brasil, até o primeiro recenseamento geral de 1872. A relação entre pretos e brancos, no Recife, apresentada por Gallès, é, sem dúvida, exageradíssima. A "Memoria Estatistica do Imperio do Brazil", de autor anônimo, escrita em 1829 e oferecida ao Marquês de Caravelas, uma das fontes mais citadas, atribui a Pernambuco, em 1823, a população de 480.000 habitantes, sendo 330.000 livres e 150.000 escravos. O Recife e Boa-Vista teriam 50.000 almas ("Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro", n.º LVIII, pág. 96).

(39). — A moda francesa, embora Gallès não acentue aqui êsse particular, como o faz adiante, ao tratar da Bahia e Rio de Janeiro, já se impunha, no Recife, ao gôsto feminino. Maria Graham, anos antes, ao descrever em seu diário um grupo de pessoas, que vinha do sertão, acentua: "I was vexed that the woman of the party wore a dress evidently of French fashion: it spoiled the unity of the groupe" (op. cit., pág. 106). Livro que retrata, com nitidez, a influência francesa em Pernambuco, na primeira metade do século passado, é "Um engenheiro francês no Brasil", de Gilberto Freyre (Rio de Janeiro, 1940).

“enquanto os produtos de nossa indústria não foram apresentados com luxo e magnificência, seu consumo foi limitado e muito lento; mas desde que passamos a exhibi-los com a pompa mágica que atraí, fazendo nascer a necessidade, sua voga cresceu à voz da fama: em todos os tempos e em tôda a parte a beleza que se esconde sob os andrajos da miséria passa desapercibida, não fere o olhar”.

Comércio importante, que a França poderia estabelecer, também, com a província de Pernambuco, no qual, aliás, uma casa de Marselha já estava empenhada, era o dos vinhos. E Gallès faz, nesta altura, uma advertência, que não fica nada a dever à que se encontra na comunicação da “Secretaria Principal do Comércio de França às principais Câmaras do Comércio do Reino”, a que já tivemos oportunidade de referir-nos neste trabalho (40). Diz êle: “mais comme les Brésiliens ne boivent généralement que *l'o-porto*, le noeud gordien serait d'imiter parfaitement cette dernière qualité, tant pour le liquide que pour le logement, et l'on sentiria que je ne puis indiquer ce moyen que verbalement. Si l'imitation n'est pas comme identique, l'essai tournera en chance de perte ou de gain. Si, au contraire, l'on parvient au point voulu pour la consommation, j'évalue que cette ville seule pourrait nous offrir un débouché annuel de 2.500 à 3.000 tonneaux de nos vins”.

Os vinhos franceses tinham, ainda, venda reduzida, porque só quase os estrangeiros os consumiam. E eram os vinhos de Saint-Loubés (perto de Bordeaux), que ofereciam melhores possibilidades, não só pelo seu preço moderado, como pela sua resistência ao calor da zona tórrida, o que não acontecia com os de outra origem, que muitas vêzes sofriam completa deterioração.

Eram bem aceitos, também, os vinhos de Champagne, de espuma artificial, “mas sempre em caixas de doze garrafas”, recomendava Gallès, “e dos preços comuns de 1,75 a 2 francos a garrafa, pois os pernambucanos gostam dêste vinho, sem conhecer-lhe as qualidades.” Os de Alicante, Madeira, Málaga, julgava êle que proporcionavam grandes perdas ao exportador, o que acontecia, também, com os azeites em geral.

Quanto à aguardente, seu consumo não se operava na proporção do da Bahia e Rio de Janeiro, devendo, entretanto, essa bebida ser considerada como um bom artigo para quem fizesse uma viagem direta a Pernambuco.

Entre as mercadorias de fácil venda, contavam-se os chamados queijos de Holanda, em pequenas caixas, e as farinhas e comestíveis franceses, desde que bem apresentados e a preços normais. Grande aceitação tinham, igualmente, os artigos de vidro, os de armarinho, as quinquilharias em geral. E não deixavam de

(40). — Vide nota 23.

ter seus apreciadores os sabões de Marselha (41), as anchovas em conserva, as amêndoas, nozes, etc., devendo, porém, haver a necessária moderação na remessa do calçado forte de homem e do de setim de mulher.

As sêdas, tornava a insistir o autor de "Du Brésil", requeriam a mais séria e escrupulosa atenção, pois os artigos muito finos escoavam-se lentamente e os de inferior qualidade ficavam quase todos encalhados. Era necessário, portanto, fazer o sortimento em artigos de mediana qualidade, sem perder de vista que as sêdas de Lyon não deveriam deixar nada que desejar em brilho e vivacidade de côres, das quais as preferidas eram o azul celeste, o preto, o rosa vivo, o branco e, com mais moderação, o verde.

E acentuando um dos traços do caráter provinciano, esclarecia o nosso cronista: "os compradores de Pernambuco preocupam-se mais com o brilho (das fazendas) do que com a qualidade, diferença notável a estabelecer com o Rio de Janeiro, onde o bom deve acompanhar o belo":

Quanto aos produtos da Província, informava Gallès a seus compatriotas que eram o algodão, o café, o fumo, em grandes quantidades, e o anil, o arroz, a ipecacuanha, o anis, em doses limitadas. "A colheita de algodão", escrevia êle, "é a mais importante, pois todos nós sabemos que o algodão de Pernambuco é reputado na Europa como um dos melhores que produzem as terras da zona tórrida (42); assim, não é raro que os navios, depois de venderem sua carga no Rio de Janeiro ou Montevideo, venham abastecer-se em Pernambuco, para a viagem de retôrno".

Os couros de Pernambuco, conhecidos no comércio, segundo observa Gallès, sob o nome de *couros do Brasil*, eram de qualidade bem inferior aos do Rio de Janeiro, e, principalmente, aos de Montevideo, êstes mais belos, mais pesados e mais bem cortados, os quais só eram excedidos pelos de Buenos Aires.

E passando ao reino mineral, o autor de "Du Brésil", com a franqueza que não lhe é rara, escreve: "On compte plusieurs mines de fer, de cuivre et d'argent dans les alentours de la ville. La lenteur, la presque nullité de leur exploitation, font dire que ces trésors, qui pourraient être en Europe des sources de richesses, ne sont pour ces contrées que des monumens de l'ignorance et de l'obscurité des hommes que les habitent".

(41). — "O Sabão de Marselha hade no Brasil ser preferido ao Sabão Inglez, se lhe abaixarem o preço", dizia o opúsculo com que se relaciona a nota 23.

(42). — James Henderson também observava, em 1821: "O algodão de Pernambuco é o melhor do Brasil, o que decorre, em parte, da rigorosa inspeção por que êle passa" (op. cit., pág. 390).

Bem mais amável foi o retrato que descortinou de seus patricios, ao observar que "les Français y sont très-bien vus, et il est flatteur de pouvoir dire que leur conduite commande l'estime et le respect de tous".

E ao encerrar seus comentários sobre o Recife, anotava Gallès que as profissões ali mais lucrativas eram as de padeiro, carneiro, sapateiro, alfaiate, serralheiro e funileiro.

*
* * *

Bahia. Dando à capital o nome da província, pelo qual era também conhecida, escrevia o autor de "Du Brésil", sem dúvida pouco versado na divisão administrativa do país: "Esta cidade, antigamente a capital do Brasil, sob o nome de São Salvador, é maior e mais importante que Pernambuco e as outras províncias: contam-se aí cerca de cem mil almas". E informava que a proporção entre negros e brancos não era tão elevada quanto no Recife (43).

Sua descrição da baía de Todos os Santos, "onde as frotas mais consideráveis encontrariam um lugar cômodo e seguro", sem necessidade de pilôto para nela entrarem, também nos parece digna de transcrição: "Au côté oriental de l'entrée principale, la terre s'élève en amphithéâtre. Depuis le rivage on distingue la ville basse et la ville haute; cette dernière est bâtie sur un terrain inégal, et il faut gravir une montagne de dix minutes pour y parvenir. Les cocotiers, orangers et bananiers qui entourent et séparent les habitations, offrent une fraîche et continuelle verdure, susceptible de charmer l'oeil de l'homme le plus insensible aux beautés de la nature. A de certaines distances on dirait que ces arbres si beaux, si majestueux, ont leurs racines sur les toits des maisons qu'ils ne font cependant qu'environner".

Na cidade alta é que residiam as autoridades e a aristocracia local, sendo que do terraço do teatro descortinava-se um panorama que Gallès qualifica de "o mais pitoresco, o mais sublime da América meridional". Mas a cidade baixa, "suja e repugnante de imundícies", causou-lhe triste impressão: "suas ruas são estreitas e mal calçadas e é de admirar que os odores mefíticos, numa região tão

(43). — Esta afirmativa não devia corresponder à realidade, uma vez que pelo porto do Salvador, durante todo o tráfico negreiro, segundo os dados conhecidos, ingressou número de escravos muito superior ao que deu entrada por Pernambuco (Ver Maurício Goulart, "Escravidão Africana no Brasil", São Paulo, 1949).

A "Memoria Estatistica do Imperio do Brazil", citada na nota 3S, dava à Bahia, em 1823, a população de 671.922 habitantes, dos quais 434.464 livres, e 237.458, escravos; na capital contavam-se 60.000 habitantes. Spix e Martius calcularam a população do Recôncavo em 200.000 almas.

próxima do equador, não provoquem mais sérias conseqüências na saúde de seus habitantes”.

*
* *

Embora o comércio da cidade do Salvador não fôsse tão intenso quanto o do Recife, levando-se em conta as respectivas populações, — observava o nosso cronista — aquela capital correspondia, em relação às regiões que a circundavam e que nela se abasteciam, ao que representava Limoges para Poitou e Angoumois, na França.

Elemento perturbador, escrevia êle, das transações mercantis, eram as freqüentes revoluções que assolavam o nosso país. Quando de sua passagem pela Bahia, em dezembro de 1827, “todos os magazines acabavam de ser fechados, e o comércio estava em completa estagnação, em virtude da circulação de moeda falsa, que as autoridades queriam obrigar a aceitar” (44). E Gallès continua: “Os conflitos foram muito sérios e o govêrno soube resolvê-los com um decreto cheio, ao mesmo tempo, de energia e de equidade. A moeda falsa foi rejeitada e os espíritos se acalmaram, senão de fato, pelo menos na aparência. Três meses depois uma conspiração estalou, mas sabe-se que os seus efeitos foram sufocados” (45).

As modas francesas principiavam, entretanto, a exercer seu domínio na cidade, ao qual nem as próprias pretas livres escapavam. “O colete, o vestido, o chapéu”, dizia Gallès, “da garrida baiana já passam pelas mãos de nossas modistas e costureiras” (46). E como as lojas de modas ainda não eram ali muito numerosas, achava êle que as modistas que deixavam a França anda-

(44). — Trata-se da chamada crise do “xem-xem”, nome dado à moeda de cobre falso, que circulava abundantemente na Bahia, com desastroso reflexo nas finanças da província.

Receiosos os comerciantes de que o novo presidente da província, brigadeiro José Egidio Gordilho de Barbuda, pretendesse tomar medidas contra aquela moeda, passaram a recusá-la ou a vender as mercadorias a preços exorbitantes. Ante a reação do povo, o comércio conservou-se fechado no dia 21 de novembro de 1827 (fato a que alude Gallès), o que obrigou o presidente da província a publicar um bando, compelindo-o a abrir suas portas e, conseqüentemente, a aceitar a moeda em circulação, até que providências posteriores dessem solução à crise (Inácio Accioli de Cerqueira e Silva, “Memórias Históricas e Políticas da Província da Bahia”, anotadas pelo Dr. Braz do Amaral, Bahia, 1933, vol. VI págs. 231 e seguintes).

(45). — O Decreto de 27 de novembro de 1827 é que determinou as medidas que deviam ser tomadas, para o resgate de toda a moeda de cobre que girava na Bahia. As instruções para a sua execução foram baixadas com o Decreto de 4 de dezembro de 1827, que nomeou a José Egidio Gordilho de Barbuda, presidente da província, Antônio Vaz de Carvalho, Pedro Ferreira Bandeira e Joaquim José de Oliveira para lhes darem cumprimento, “na qualidade de Comissários immediatos do Govêrno”.

(46). — É ainda Maria Graham quem anotava, em seu diário, após uma festa na casa do consul inglês, quando de sua estada na Bahia: “The señoras were all dressed after the French fashion: corset, fichu, garniture, all was proper, and even elegant, and there was a great display of jewels” (op. cit., pág. 142).

riam mais bem avisadas em dirigir-se para lá, do que ir aumentar a concorrência que entre elas existia no Rio de Janeiro.

Mas Salvador conservava ainda os vestígios de seu esplendor de antiga capital e sabia ter em melhor conta os artigos de luxo do que o Recife. Era de esperar, pois, que ainda viesse, numa situação mais estável, a oferecer grandes escoadouros ao comércio francês. E isso naturalmente se daria quando seus habitantes, não mais tormentados pelas idéias de republicanismo, houvessem sentido "todos os benefícios do sistema das monarquias constitucionais".

E Gallès que, anos mais tarde, irá testemunhar, em verso, sua devoção a Luiz Felipe, "le Roi-citoyen", pontifica, num conceito à La Palisse: "C'est en goûtant d'un fruit qu'on apprécie l'arbre qui l'a produit".

*
* *

Infelizmente, poucos são os dados que o autor de "Du Brésil" oferece sobre o comércio francês na Bahia. Limita-se a esclarecer que os artigos, que deveriam ser levados para lá, eram praticamente os mesmos, que referira ao tratar de Pernambuco, só que em maior quantidade. Necessário era, no entanto, que êles tivessem melhor aparência e fôsem de mais sólida confecção. Os azeites e os vinhos moscatéis vendiam-se com facilidade e poderiam proporcionar bons lucros, em ocasião de falta dêses produtos no mercado.

A Alfândega do Salvador, que contava, também, com uma Bolsa bastante moderna, era mais severa do que a do Recife. "On n'entre que chapeau bas dans ces deux établissements", esclarecia Gallès, admirado, sem dúvida, da civilidade baiana.

Quanto aos produtos locais, eram os mesmos que os de Pernambuco, em menor volume, sendo de notar, ainda, que o seu algodão era de qualidade inferior ao daquela província. As laranjas passavam, entretanto, "por ser as melhores e mais belas do mundo".

Não deu Gallès, também, maiores esclarecimentos sobre outros aspectos da vida da capital da Bahia, dizendo apenas que "les arts et les métiers y vivent presque généralement dans une heu-reuse aisance".

*
* *

Rio de Janeiro. A baía do Rio de Janeiro não podia deixar de provocar em Gallès as mesmas frases de admiração com que se expressaram quase todos os estrangeiros que a ela aporta-

ram. "La baie de cette capitale touche au gigantesque, au sublime", exclama êle, lembrando que o almirante Roussin afirmara não existir outra semelhante no mundo (47).

A capital do Império oferecia aos olhos de nosso viajante um "aspecto bem mais europeu do que as províncias", o que devia ser atribuído ao esplendor natural da côrte, onde os altos personagens ostentavam "um luxo verdadeiramente asiático".

Neste "luxo asiático" andava, com certeza, um pouco de imaginação de Gallès, embora se deva reconhecer que o quadro da cidade, por êle pintado, parece não haver ficado longe do original: "A beleza das praças e das ruas principais, a riqueza, a elegância dos magazines franceses (48), o bulício e a atividade que o comércio provoca, o grande número de estrangeiros que habitam esta capital, o movimento extraordinário de entrada e saída dos navios mercantes de tôdas as nações, o aspecto de uma alfândega imensa onde pilhas de mercadorias aparecem e desaparecem sem cessar, formam o conjunto de um quadro que o viajante está longe de esperar, ao desembarcar numa terra em que aparecem tão visíveis os sinais da escravidão".

O palácio do imperador, situado à beira-mar (atual praça 15 de Novembro), embora "de uma arquitetura bastante moderna", não lhe pareceu bonito, nada tendo visto de notável, também, na residência de São Cristóvão, "ce Versailles brésilien", que, aliás, se encontrava em reformas. A Câmara dos Deputados, o Senado, a capela imperial, assim como as igrejas em geral eram os monumentos mais cuidados e os que mais se aproximavam da "arquitetura contemporânea".

*
* *

A respeito da anarquia monetária, então existente no país, não deixa Gallès de fazer, também, alguns breves reparos. Pouco claras são suas observações sôbre a criação do Banco do Brasil, parecendo que êle não tinha idéia muito segura das causas que a determinaram, nem da época em que tal acontecimento se verificou: "Le Portugal et l'Angleterre ayant épuisé les trésors de cette ca-

(47). — A opinião de Roussin acha-se ligeiramente deturpada, pois êle escreveu apenas: "La baie de Rio-Janeiro est très spacieuse, et l'une des plus magnifiques du monde" (op. cit., pág. 90).

(48). — É de estranhar que Gallès não houvesse feito referência especial à rua do Ouvidor, o centro da moda de então, que fazia lembrar aos viajantes ingleses a Regent Street, de Londres, e aos franceses, a rue Vivienne, de Paris. O Barão de Bougainville, na sua viagem de circumnavegação, com as corvetas "La Thétis" e "L'Esperance", ao passar pelo Rio de Janeiro em março de 1826, um ano antes, pois, de Gallès ali haver estado, escrevia em seu diário: "Après les églises, le théâtre et le musée, je ne sais rien à Rio qui merite la curiosité des voyageurs, si ce n'est peut-être la rue d'Ouvidor, la plus marchande de la ville et la seule qui soit digne d'une capitale" ("Journal de la Navigation autour du Globe", 1837, pág. 613).

pitale (Rio de Janeiro) sous le règne du roi Juan VI, cette catastrophe, jointe aux difficultés qu'éprouvait le commerce dans ses transactions journalières par suite de la mauvaise administration des finances, suggéra l'idée à une société de négociants et de capitalistes de se faire autoriser par le gouvernement à installer une banque. Le roi acquiesça à cette demande, et les fondemens de cet établissement furent basés sur des immeubles et des capitaux immenses".

E, como se vê, não foi Gallès bem informado, também, a respeito da base — "imóveis e capitais imensos" — em que diz haver assentado o Banco do Brasil, pois, em carta régia de 22 de agosto de 1812, era o próprio príncipe regente quem, reconhecendo o pouco interesse que o estabelecimento despertara para a aplicação de capitais, encarregava os governadores das capitânicas de solicitar "a efetiva cooperação de todos os capitalistas, proprietários, negociantes e empregados públicos", que estivessem "nas circunstâncias de concorrer ao cofre do Banco" (49).

A desvalorização do papel-moeda, emitido pelo Banco, não teve, outrossim, o ponto de partida por êle indicado, ou seja, a guerra com a República Argentina, declarada em 1825. Tal desvalorização vinha, pode-se dizer, desde a fundação do estabelecimento, agravando-se de dia para dia, em virtude da crescente inflação de moeda fiduciária (50). A êste respeito, parece-nos interessante o depoimento de Gallès: "Hoje não se vê no Rio senão papel em tôdas as transações. O cobre, a prata e o ouro encontram-se aí a preços tão excessivos, que os comerciantes preferem vender suas mercadorias 30%, em cobre, 55%, em prata, e 88%, em ouro, abaixo do que êles pedem em papel. Em outros termos, êste papel perde 30%, 55% e 88% de seu valor, segundo o metal por que é trocado".

E, ao contrário do que previa Gallès, a crise por que passava o Banco, não obstante os sacrifícios que fazia para enfrentar a delicada situação financeira do Império, não cessou com o término da guerra com a Argentina. Assinado o tratado de paz em 1828,

(49). — Os subscritores de ações do Banco, que mais se distinguiram, seriam contemplados, prometia essa carta régia, "com honras e mercês". Afonso Arinos de Melo Franco, em seu importante livro, "História do Banco do Brasil", transcreve (págs. 48-49) curiosas informações sobre a concessão de tais favores.

Não era sem razão que Mathison escrevia: "The sale of patents of nobility, star, crosses, and **habitos do Christo**, or insignia of the Order of Christ, and others similar to it, was among the most innocent, and at the same time lucrative, expedients for raising money. The rage for these decorations attained a greater height at Rio than it had perhaps ever before done in any country; almost every petty shopkeeper might be seen in the streets with his **habito do Christo**" (op. cit., pág. 136).

(50). — Afonso Arinos de Melo Franco, op. cit., págs. 25-26.

entre os países beligerantes, o primeiro Banco do Brasil entrava, no ano seguinte, praticamente em liquidação.

*
* *

Impressionado com a riqueza mineral de nosso país, o autor de "Du Brésil", sem grandes preocupações de ordem geográfica, descreve um quadro que deveria ter inflamado a imaginação de seus compatriotas: "Les mines d'or, d'argent, les ruisseaux à diamans, etc., paraissent de toutes parts dans les environs de Rio-Janeiro. A vingt lieus de la ville se trouvent les mines dites Minas Gerais (Minas publiques); c'est dans la province qui porte ce nom qu'est située la mine *Songo-Cogo* (51) exploitée par une compagnie anglaise qui en tire journellement de 8 à 12 livres d'or. Le jour du mercredi-saint de l'année dernière elle enleva un branchage de 56 livres".

Além de Minas Gerais, havia ainda três outras províncias, informava Gallès, em que se encontravam, com grande abundância, minas de metais e diamantes: Goiaz, Mato Grosso e São Paulo, embora o ouro não fôsse muito abundante na última. E a respeito de Goiaz, esclarecia: "A província de Goiaz é banhada pelos rios *Araguaraya* (*sic*), *Piloens*, *Rio-Claro* e *Cayapos*. É nestes cursos de água que se encontram os mais belos, os mais ricos diamantes do mundo. Se houvesse cabeças capazes de dirigir e braços suficientes e experimentados para agir, a província de Goiaz poderia

(51). — Gallès queria referir-se à famosa mina de Gongo-Soco, situada entre as cidades de Santa Bárbara e Caeté, em Minas Gerais. De acôrdo com a tradição, essa mina fôra primitivamente encontrada por um *congo*, escravo africano; deram com êle agachado, certa vez, a extrair da terra grandes pepitas, verdadeiros ovos de ouro. Da posição em que êle se encontrava, originou-se a frase "Congo no choco", da qual derivou, por corruptela, o estranho nome com que a mina ficou batizada. Segundo outra versão, sôbre a mina pousava na verdade uma galinha choca, que deu "gongo soco", na linguagem deturpada do africano. Seu último proprietário foi o capitão-mor, João Batista Ferreira de Souza Coutinho, posteriormente Barão de Catas Altas, que a vendeu, em 1825, a uma companhia inglêsa — "Imperial Brazilian Mining Association" — que se constituirá em Londres, após o decreto de 16 de setembro de 1824, com o qual o governo brasileiro concedeu "permissão ao estrangeiro Edward Oxenford para minerar" (Ver Alfredo Moreira Pinto, "Apontamentos para o Dicionário Geographico do Brazil", Rio de Janeiro, 1896; Antonio Olinto dos Santos Pires, "A Mineração — Riquezas Mineraiis", in "Livro do Centenário", págs. 80-81; Pandiá Calogeras, "As Minas do Brasil e sua legislação", 2.ª ed., 3.º vol., págs. 128-129, São Paulo, 1938; W. L. von Eschwege, "Pluto-Brasiliensis", tradução de Domicio de Figueiredo Murta, 1.º vol., págs. 82-85, São Paulo, s/d; Padre Manuel Maria de Albuquerque Melo Matos, "Gongo-Soco e Socôrro", "Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro", Primeiro Congresso de História Nacional, Tomo Especial, Parte III, Rio de Janeiro, 1916).

Por atribuir outra origem ao nome da mina, transcrevemos, ainda, o que Francisco Inácio Ferreira diz em seu "Dicionário Geográfico das Minas do Brasil", Rio de Janeiro, 1885: "Gongo-Socco no idioma indígena quer dizer — caverna de ladrões — denominação que parece encontrar apóio na tradição que corre entre o povo, de ter existido no lugar em que a companhia possuiu uma grande casa de vivenda, uma caverna em que se acoitavam ladrões e facínoras".

dar riquezas incalculáveis ao Brasil, pois às pedras preciosas ela junta as mais importantes minas de ferro e ouro, sendo favorecida, ainda, por um dos melhores climas do Brasil”.

Quanto à província de Mato Grosso, fértil não só em minas de ouro e prata, como de ferro e diamantes, dizia: “Acerca de quarenta anos foi extraída de uma terra denominada *Sapateyro* (traz esse nome porque, na verdade, um sapateiro é que a descobriu) (52) a quantidade de 42 arrobas de ouro (1.340 libras), no espaço de nove dias; e o que custará a crer, mas que é pura verdade, conforme se poderá verificar nos arquivos da província, é que, num dos lugares em que hoje está edificada a cidade de *Cuyaba*, local conhecido sob o nome de Ernesto, foram tiradas, durante trinta e cinco dias, por ocasião de sua descoberta, 400 arrobas de ouro (12.800 libras)!” (53).

Parece, pois, que Gallès, espantado com os prodígios de um passado remoto, não percebera que o ciclo da mineração agonizava no Brasil. Daí sua observação: “Eis os informes mais exatos e mais circunstanciados que podem ser dados sobre as minas e cursos de água do Brasil, e, tendo em vista o que acabo de expor, presumo que me assiste o direito de mais uma vez repetir que a França não dá prova de zelar por seus interesses, quando se descarta de estreitar relações com este vasto e rico império”.

E, no seu entender, “um capitalista que se decidisse a passar cinco anos, com uma dúzia de homens capazes e trezentos trabalhadores brancos, numa das quatro províncias citadas, poderia estar certo de realizar o décuplo do capital empregado, após fazer os necessários acordos com o governo para a sua exploração”.

Mas não eram só as minas que ofereciam extraordinárias possibilidades de ganho a quem quisesse trabalhar: “J'évalue”, aduzia o autor de “Du Brésil”, “que l'on peut également décupler ses capitaux en achetant une *Fasenda* (plantation) de café, et la faisant cultiver soi-même pendant sept à huit ans: l'on peut considérer

(52). — Alfredo Moreira Pinto, em sua já citada obra, “Apontamentos para o Dicionario Geographico do Brazil”, escreve: “*Sapateiro*: Lugarinho situado em uma chapada a 4 léguas a O. da cidade de Cuiabá, o qual fez-se notável por uma lavra de ouro, que aí se repartiu em 1789. Com pouca extensão, era muito rica. Na data do superintendente, que era de 12 palmos de largura e 30 braças de fundo, e já havia sido devastada por ladrões, tiraram-se assim mesmo mais de mil oitavas de ouro (B. de Melgaço)”.

(53). — O cronista José Barbosa de Sá, em sua “Relação das povoações do Cuyabá e Mato grosso de seus principios até os prezentes tempos”, dá noticia minuciosa da descoberta destas lavras, feitas por Miguel Sutil em 1722, no local depois chamado “Tanque de Ernesto”. Diz ele: “Avalloouçe tirarse deste Lugar dentro em hum mes melhor de quatrocentas arobas de ouro sem que os socavóens profundassem mais de tres thé quatro palmos” (“Anais da Bibliotheca Nacional”, n.º 23, Rio de Janeiro, 1901). É interessante notar que, relacionado com os sobreviventes da frota saída em maio de 1730 de Cuiabá, com destino a São Paulo, e dizimada pelos índios Paiaguás, encontra-se um médico alemão, chamado Ernesto Lambert (F. A. de Varnhagen, “História Geral do Brasil”, 4.ª ed., São Paulo, 1948, págs. 128-130). Presumimos que se trate da mesma pessoa que mereceu ter seu nome associado à topografia da então vila de Cuiabá.

chaque pied de café comme rapportant net la valeur de un franc (l'Europe en paix). Différens propriétaires m'ayant soumis le produit de leurs récoltes, toutes proportions prises, je ne puis guère m'éloigner de plus de cinq à sept centimes et demi, selon les nuances et la qualité de la graine, qui, comme nous le savons, diffèrent suivant la situation des terres où se trouve la plantation”.

A exploração de engenhos de açúcar já não lhe parecia negócio tão aconselhável por causa da dispendiosa mão de obra. Mas “uma fiação de algodão, estabelecida em São Paulo, com o devido número de tecelões, seria susceptível de produzir lucros vantajosos a quem a criasse”.

E Gallès, que, como se vê, era homem de intuição, esclarecia: “É bastante dizer, para dar idéia d'esses lucros, que a matéria prima é obtida no local a duas ou três patacas a arroba (cêrca de 4 francos por 30 libras) e que as necessidades desta província são da mais alta importância, em virtude de seu luxo (54) e de sua grande população (55). Encaminho esta nota às meditações do capitalista, assegurando-lhe que não há operação bancária que possa produzir melhores resultados” (56).

*
* *
*

Tudo quanto acabamos de expor, sob o título de “Rio de Janeiro”, são digressões de caráter geral, a que Gallès naturalmente não quis fugir-se, no intuito de melhor chamar a atenção de seus compatriotas, talvez com exagerado otimismo, para as possibilidades desta parte, tão ignorada, do novo mundo.

(54). — O luxo, na opinião de outros viajantes, não era a nota característica dos costumes paulistas. Spix e Martius (op. cit., 2.º vol., pág. 12) e Rugendas (op. cit., pág. 99), em épocas pouco distantes, acentuam, ao contrário, a sua sobriedade, principalmente no mobiliário das habitações.

(55). — De acôrdo com a já citada “Memória Estatística” (nota 38), a Província de São Paulo, contava, em 1823, com 280.000 habitantes, dos quais 259.000 livres e 21.000 escravos. Saint-Hilaire, entretanto, orçava a população de São Paulo, no ano de 1826, em 258.901 habitantes (Augusto de Saint-Hilaire, “Viagem à Província de São Paulo”, tradução de Rubens Borba de Moraes, 2.ª ed., São Paulo, 1945, págs. 84-85).

(56). — Nesta predição de Gallès, sobre os promissores resultados que poderia proporcionar uma fiação de algodão em São Paulo, não pretendemos ver uma profecia sobre o futuro da cidade que viria a transformar-se no maior centro industrial da América do Sul. Mas o que nos parece interessante é, de certo modo, a afinidade de sua observação com o que mais tarde Saint-Hilaire escreveria: “Já em outro ponto fiz sentir que o Brasil deve permanecer ainda como país simplesmente agrícola e que não chegou a época em que lhe pode ser vantajoso estabelecer manufaturas; entretanto, quando fôr momento propício para isso, é em São Paulo que tais empreendimentos devem ser iniciados” (op. cit., pág. 181). Sobre os primórdios da indústria de tecidos em São Paulo, devem ser lidos os artigos de Sérgio Buarque de Holanda, publicados no “Digesto Econômico”, de novembro de 1947 (“Fiação e Tecelagem em São Paulo na Era Colonial”), abril de 1948 (“A mais antiga fábrica de tecidos de São Paulo”) e outubro de 1948 (“Fiação Doméstica em São Paulo”).

Não se esquecia, porém, de que a capital do Império era o melhor mercado para a colocação dos produtos de sua pátria. "O consumo do Rio de Janeiro", declarava êle, "está acima de tudo quanto se possa descrever; os artigos franceses são ali de fácil venda, quando belos e de boa qualidade; é para lá, somente, que podem ser levados objetos de luxo, de todos os preços, desde que escolhidos ao gosto do país. As pessoas de relêvo fazem questão de seguir as modas francesas e não há mulher acima da classe vulgar, que não seja vestida pelas nossas modistas e costureiras. E lembrando palavras de D. Pedro I, num galanteio à Marquesa de Gabriac, acrescentava: "Les dames de la cour suivent absolument le genre parisien, et il semble tout naturel que ce soit sur l'ambassadeur française qu'on doive toujours prendre les nuances des grâces et du bon ton" (57).

Daí a razão porque o teatro do Rio de Janeiro, com sua bela sala de espetáculos, apresentava "um aspecto surpreendente ao olhar do viajante: correspondessem os atores à sua magnificência e deixasse-se o espectador levar apenas pelo aparato das damas seria tentado a crer-se na Grande Ópera".

Mas, evidentemente, a um bom comerciante não bastava que as modas seguissem o figurino francês. E Gallès advertia: "As nossas manufaturas de tecidos poderiam encontrar um grande consumo no Brasil e, principalmente, no Rio de Janeiro, desde que se dedicassem a fabricar, para estas regiões, *tecidos leves, finos*,

(57). — Raro foi o viajante, que andou pelo Brasil nas primeiras décadas do século XIX, que deixou de acentuar o crescente predomínio da moda francesa, principalmente no Rio de Janeiro. As brasileiras, segundo Hippolyte Taunay, podiam disputar, em elegância, com as parisienses (op. cit., II vol., pág. 45).

Debret, na explicação de seu desenho "Um funcionário a passeio com sua família", ao referir-se ao que esboçara, quando de seu primeiro encontro com senhoras brasileiras, vestidas ainda num misto de moda "anglo-portuguesa, importada pela Corte de Lisboa e na qual há oito anos nada se mudara", escreve: "Fiz imediatamente um desenho, mas o resultado, pela sua exatidão, foi uma verdadeira caricatura inútil de reproduzir, porque não exprime em absoluto o caráter e o temperamento brasileiros, pois o habitante do Brasil tem-se mostrado, desde então, tão entusiástico apreciador da elegância e da moda francesas que, por ocasião de minha partida, em fins de 1831, a rua do Ouvidor (rua Vivienne, de Paris, no Rio) era quase inteiramente constituída de lojas francesas de todo tipo, mantidas pela prosperidade de seu comércio" (op. cit., tomo I, pág. 126).

Mas no próprio ano (1816), em que a chamada "Missão Artística Francesa", de que Debret fazia parte, aportou ao Brasil, Luiz Joaquim dos Santos Marrocos, nas célebres cartas dirigidas do Rio de Janeiro à família em Portugal, escrevia a sua irmã: "Não posso explicar-te a abundância e fartura das fazendas, e quinilherias Francesas, q. tem inundado esta Cid^e., fazendo negaças ao dinheiro: já se não vê fazendas Inglezas, q. todas tem sido abandonadas, e toda a gente se vê ataviada ao gosto Francez, menos eu q. sou Portugal Velho, e ninguem me tira desta scisma. Este porto se vê coalhado de Navios Francezes, q. só no mez passado entrarão 29 carregados de bugiarias..." ("Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro", vol. 56, carta n.º 184. Esta carta, aliás, não tem data, mas constam dela notícias idénticas às que o autor transmitia a seu pai na carta n.º 105, de 21 de setembro de 1816).

com muito brilho e aparência (58); em resumo, seria necessário trabalhar segundo as amostras inglesas e estabelecer a mercadoria a preços idênticos aos delas; só assim nossas manufaturas poderiam rivalizar com as da Grã-Bretanha, do contrário terão que contentar-se com os sobejos que elas deixarem" (59). E, em sua opinião, enviar ao Brasil tecidos pesados, fortes, encorpados, que exigiam mais trabalho e matéria prima, era perder tempo e dinheiro. Dêstes artigos, jamais se conseguiria vender o côvado acima de 3.000 a 3.400 réis.

A França, entretanto, já levava a palma à Inglaterra, numa de suas especialidades: "As sêdas francesas são as preferidas no Rio de Janeiro; êste artigo tem grande consumo e oferece magníficas vantagens, quando é trabalhado ao gôsto do país: é necessário não conduzir outras côres que não sejam o branco, o preto, o azul-celeste, o rosa vivo e um pouco de verde. Para os outros matizes há uma diferença de 40% a 50%" (60).

E, em matéria de tecidos, Gallès acrescentava, ainda, alguns dados sôbre a moda feminina: "Je désignerai comme objets principaux les satins unis, satins ouvrés, fichus ombrés et quadrillés, les châles 5 et 6/4 riches: point de 4/4; robes lamées or ou argent, fausse blonde, rubans de ceinture, bandes brodées; châles de laine

(58). — Frase grifada no original.

(59). — Do já referido opúsculo, "Documentos relativos ao Comércio dos Novos Estados da América..." (nota 23), transcrevemos as seguintes recomendações que, em sua primeira parte, coincidem particularmente com as de Gallès: "O Brasil recebe quantidades notáveis de tecidos fabricados em Inglaterra, e a França podia vantajosamente competir com ela a respeito dêstes artigos: porém era preciso assim neste ramo, como em outros muitos, que em França se adotasse o modo de fabricar inventado pelos ingleses, para abastecer a massa da população; porque é em razão do delgado das suas chitas, ou pouco encorpado delas que êles as podem vender tão baratas: sendo porém de notar que, apesar de tudo, reconhecem ao menos a superioridade das nossas chitas, e bons tecidos, por isso que as fabricam com o selo das nossas manufaturas; o que mais ainda se prova, porque uma casa inglesa do Maranhão fretou uma embarcação no Havre de Grace, e fêz para lá remeter uma carregação de artigos das nossas manufaturas, naquele mesmo momento, em que os seus armazens estavam sobrecarregados de fazendas inglesas" (págs. 44-45).

(60). — Ainda do mesmo opúsculo, mencionado na nota anterior, consta, em aditamento, uma "Carta do Conselheiro de Estado, Presidente do Tribunal do Commercio e Colonias, aos Membros da Camara de Commercio de Bayona", que faz referência a um relatório recebido, no qual, em virtude da interrupção das relações do Brasil com as possessões portuguesas da Índia, situação essa de que a França poderia tirar "um partido vantajoso", é recomendada a imitação dos estofos da China. E as especificações "sôbre os debuxos, e medida a que dão preferência os consumidores do Brasil, especialmente a respeito desta qualidade de tecidos, por efeito dos hábitos, e do gôsto dos mesmos consumidores", são os seguintes:

"Cada peça deve ter 24 côvados, nem mais, nem menos; cada côvado, 25 polegadas; largura da sêda, 28 polegadas. A peça há de ter 4 dobras, e dobrar-se ao comprimento de uma vara de 40 1/2 polegadas. O sortimento das côres há de ser o seguinte: Setim liso (na hipótese de 12 peças) 5 devem ser de azul-celeste, 3 da cor branca chamada da Pérsia, 2 verdes, 1 carmesim, e 1 roxa. Sêdas lavradas: 6 peças de azul-celeste, 2 de um cor de rosa vivo, 1 verde, 2 cor de ouro, e 1 branca. Uma terça parte da partida com colunas, e as outras duas terças partes com ramos grandes, e pequenos".

boiteux, fond uni, 5 et 6/4, etc., etc.. Mais toujours du beau, du riche, de l'éclat, ou rien".

Como se vê, a aparência, naquele tempo, já era tudo, no Rio de Janeiro...

Os artigos de Paris e Lyon já se haviam imposto, exclusivamente, no mercado, de modo que muito se enganava, dizia Gallès, quem supunha que as sêdas francesas não tinham saída no Brasil; o que era inegável é que acarretavam prejuízo, fatalmente, as que não fôsem escolhidas ao gôsto indígena.

Algo havia, ainda, para disputar à Grã-Bretanha, no ramo de tecidos: "O consumo dos escravos oferece ao comércio inglês um escoadouro imenso aos panos fabricados, que lhes servem de vestuário. Este comércio deverá, entretanto, declinar incessantemente, pois, a datar de 1.º de janeiro de 1830, o Brasil perderá o direito de fazer o tráfico dos negros, crescendo, ainda, como é sabido, que a mortalidade que entre êles grassa excede a sua reprodução. A França poderia lutar vantajosamente com a Inglaterra neste importante ramo, mas seria necessário que ela procurasse igualar a leveza dos tecidos, o que, de maneira alguma, ainda fêz".

Não foi bom profeta, pois, o autor de "Du Brésil", quanto à redução da freguesia dos panos ingleses, de inferior qualidade. A convenção de 23 de novembro de 1826, assinada entre o Brasil e a Inglaterra, segundo a qual, três anos depois da troca das ratificações do mesmo tratado, o comércio de escravos ficaria fora da lei, serviu, apenas, para acirrar os apetites dos que encontravam, no impedimento ao exercício de sua criminoso atividade, razão para alcançar maiores lanços pela mercadoria importada com tantos riscos. Embora elevada, a mortalidade dos escravos foi, assim, largamente corrigida.

*
* *

Na ordem de importância para o comércio francês no Brasil, o produto que se seguia aos tecidos era o vinho. E a êste respeito oferece Gallès interessantes informações sôbre o paladar dos habitantes do Rio de Janeiro de antanho.

"O consumo dos vinhos de Bordeaux, a propósito dos quais já falamos ao tratar de Pernambuco", esclarece êle, "é assaz considerável no Rio de Janeiro, em virtude da quantidade de francezes e estrangeiros que habitam esta capital, cujo número pode ser calculado em doze mil; o que dá um pouco mais de desenvolvimento a êste consumo é que os portugêses começam a considerá-los bons para misturá-los com o vinho do Pôrto. Rio de Janeiro é a única cidade a que se pode levar, num carregamento, sem constituir imprudência, de cem a cento e vinte tonéis".

E, de novo, entramos em assunto delicado, embora Gallès não o ventile aqui com tanta franqueza, como o fêz ao tratar do co-

mércio de Pernambuco: "Les vins dits *Roussillons*, imitant ceux de Catalogne, en pipes de cinquante à cinquante-cinq veltes, se vendent très couramment. Mais, je le répéterai, le point où les négocians de Bordeaux (que cet article regarde particulièrement) doivent viser avec la plus scrupuleuse attention, c'est l'imitation des vins d'Oporto: en parvenant à ce but essentiel, ils auraient un commerce immense à établir, et des bénéfices énormes à réaliser, puisque le cours de la pipe de ce vin, connu sous la dénomination de *vinho do Porto feitoria*, était, lors de mon départ (20 juillet), de 180 à 230.000 reis (6 a 800 francs la pipe). Que les faiseurs jugent si ce prix leur laisse de la marge, et si leur industrie n'est pas en défaut!"

Os vinhos de Champagne, em caixas de doze garrafas, tinham muita procura e eram pagos a bom preço, recomendando Gallès, entretanto, que só deveriam ser enviados os de espuma artificial, pela facilidade com que os demais se deterioravam, acarretando, evidentemente, graves prejuízos. E tais vinhos não deveriam ser de qualidade superior aos de dois francos a garrafa, na França.

Embora tivessem aceitação, também, os vinhos moscatéis, "em garrafas brancas, bem lípidas", não eram artigo dos mais aconselháveis, não sendo o seu consumo suficiente para a sua remessa em pipas.

Os vinhos de Madeira, Alicante e Málaga só mais tarde, talvez dentro de dez ou quinze anos, pudessem encontrar mercado no Brasil.

As aguardentes francesas eram, porém, muito estimadas em todo o país, principalmente na Bahia e Rio de Janeiro, começando, também, os licores finos a ter os seus apreciadores, o que não obstava, em relação a este artigo, ser necessário agir com bastante cuidado.

A quantidade de aguardente 3/6 (61) deveria ser de vinte a trinta tonéis num carregamento. E Gallès aproveitava o ensejo para esclarecer: "duzentas toneladas, mais ou menos, é o que sempre entendo como carregamento, pois um navio de maiores dimensões não convém a este país; eu presumo que um *brick* desta tonelagem encontrará, facilmente, frete para a volta, enquanto que uma embarcação de trezentas a trezentas e cincoenta toneladas ficará, às vezes, dois a três meses no pôrto, sem conseguir carga".

* *

Além dos tecidos e vinhos, outros artigos pesavam no comércio francês com o Brasil.

(61). — 3/6 era o tipo de álcool, do qual derivava a aguardente, como se vê da seguinte definição: "Trois-Six n.m. Alcool dont la force est telle qu'avec trois parties (en poids) de cet alcool, mélangées à un poids égal d'eau, on obtient six parties d'eau-de-vie ordinaire" ("Nouveau Petit Larousse Illustré", 5.^a ed., Paris, 1950).

"Nossos azeites e, sobretudo, nossos sabões", escrevia Gallès, "não estão longe de se tornarem os mais procurados. Os sabões espanhóis que, ainda há pouco, eram os preferidos, perdem, de dia para dia, a sua fama". E recomendava, então, que os sabões fôsem acondicionados em pequenas caixas, de 40 a 50 libras, "susceptíveis de serem transportadas em costado de mula, para facilitar sua venda pelo interior".

As farinhas de Moissac, de primeira qualidade, escoavam-se facilmente, com boa margem de lucro. Era importante, porém, não comprimí-las demais nos barris, para evitar seu empedramento. E a época em que tal artigo poderia proporcionar melhores resultados era depois de junho e até outubro, período em que as remessas dos Estados Unidos da América, desta mercadoria, eram quase nulas (62).

Produto digno de séria atenção dos exportadores eram os couros de bezerro, que ofereciam possibilidade de grandes lucros, desde que fôsem convenientemente preparados e se tivesse o cuidado de marcá-los com a palavra "Nantes", pois, esclarecia o nosso viajante, os couros da Bretanha eram considerados no Brasil como os melhores.

E lá vinha uma de suas advertências, digna das manobras alistas de nossos dias: "Si, par l'effet de circonstances imprévues, l'article se trouvait abondant et à vil prix (ce qui est susceptible de se présenter une ou deux fois dans l'année), je conseille au subrécargue ou capitaine de ne point vendre alors même qu'il dût attendre cinq et six mois pour réaliser; il peut être certain de bien opérer en agissant ainsi, car la consommation amène le besoin, et celui-ci se faisant sentir à deux ou trois époques différentes, la hausse est dès lors inévitable".

O interior das habitações principiava, então, pelo que informa o autor de "Du Brésil", a merecer mais atenção de seus moradores, cuja noção de beleza e conforto não era, antes, das mais apuradas: "Nossos papéis pintados, que até agora acarretavam prejuízo certo, estão em vias de fazer parte dos artigos que devem ser enviados ao Rio de Janeiro, mas somente quando escolhidos com bom gosto. A alta classe, que, ainda há pouco, recebia em peças nuas, começa a ornar seus salões com ricas tapeçarias aveludadas, de belas e elegantes cercaduras sobre fundo vermelho, azul vivo, rosa carregado".

E ao incluir a essência de terebentina entre as mercadorias que tinham apreciável consumo no Rio de Janeiro, dava Gallès a entender que a influência francesa ia mais longe ainda: "et main-

(62). — O Rev. R. Walsh, que esteve no Brasil na mesma época em que Gallès, observou: "De oitenta a noventa mil barris de farinha são anualmente consumidos no Rio e suas dependências, os quais são quase exclusivamente supridos pelos Estados Unidos" ("Notices of Brazil in 1828 and 1829", Londres, 1830, pág. 449).

tenant que les enseignes, les devantures, les magasins et les maisons se peignent comme en France, les besoins de ce liquide deviennent d'une certaine importance".

Outros artigos, embora secundários, prosseguia êle, não deveriam ser esquecidos num carregamento: "les pantouffles vertes et lilas, les souliers pour homme forts et larges, les chaussettes blanches en fil, les éventails chamarrés d'or avec figures, les eaux de Cologne en jolis flacons, la parfumerie en extrait d'odeur et la pommade seulement, la quincaillerie, les pointes de Paris, les cartes à jouer espagnoles et portugaises, le papier à lettre, etc.". E a propósito de papel de carta, informava, em nota ao pé da página, que uma companhia de franceses e ingleses pretendia montar uma fábrica nos arredores do Rio de Janeiro. Duvidava êle que tal empreendimento pudesse ir avante, pois no Brasil não havia mecanismos nem matérias primas.

E Gallès escrevia ainda, talvez com justificada vaidade: "Direi mesmo que, em tese geral, todos os objetos de nossas fábricas, pela elegância dos desenhos e o acabamento do trabalho, sobrepujam os das outras nações; mas o cuidado com que os confeccionamos colocá-nos na contingência de não poder vendê-los aos preços estabelecidos pelos consumidores, os quais, embora apreciando a superioridade de nossos artigos, dão, às vèzes, seduzidos pela modicidade do custo, preferência a outros de inferior qualidade" (63).

E num esclarecimento final a seus leitores, nesta parte de seu trabalho: "Les villes de Rio-Granda (*sic*) et Montévidéo sont des places également très-importantes, mais la guerre paralyse tellement leur commerce, que jusqu'à nouvel ordre il ne peut nous convenir de diriger nos vues sur ces deux provinces du Brésil: les goûts et les modes de la première sont les mêmes qu'à Rio-Janeiro, et ceux de la dernière se rapprochent un peu plus des moeurs espagnoles".

*
*
*

GUILHERME DEVEZA.

(Continua no próximo número).

(63). — Não há dúvida, como, aliás, se evidencia por outras frases de seu trabalho, que Gallès, ao escrever este período, tinha em sua frente o folheto sobre o "comércio dos novos Estados da América", a cuja tradução portuguesa (ver nota 23) mais de uma vez nos referimos e do qual passamos a copiar: "Pode-se enfim concluir com esta observação geral, que todos os gêneros dos fabricantes franceses têm primazia sobre os das outras nações, tanto pela elegância dos debuxos, como pelo fino do tecido; porém que, sendo fabricados com todo o esmero, não é possível vendê-los pelo mesmo preço dos gêneros ingleses...".